

VERBETES E VARIAÇÕES

PERSEGUIÇÃO
(1942)

LEPRA

Luciana Salles*

“A poesia tão igual a uma lepra”. Dentro de uma obra poética em que é tão frequente o diálogo com as artes, a história e a mitologia, surge uma imagem inusitada – a lepra, signo de doença degenerativa, de despedaçamento, desmembramento, dando ao poema e à poesia o peso do grotesco. A poesia como contágio. A poesia como patologia. A poesia como causadora de mácula, de ferimento, de chaga. “E os poetas na leprosaria vão vivendo”. Os doentes, ainda vivos, recolhidos a um espaço de exclusão do mundo dito são, nas leprosarias que ecoam as origens do hospício, levam a condenação de seu diagnóstico à criação de uma comunidade forçosa, forçadamente criada, “uns com os outros”. Observadores por natureza e talvez entediados pelo afastamento do mundo dito real, se ocupam “Inspeccionando as chagas uns dos outros”. Verificando as dores de seus companheiros. Traçando a trama textual que os acolha e abrigue dentro de sua comunidade de doentes fragmentados e fragmentários.

Exilados, todos. Confinados no espaço de suspensão que é a doença, intervalo entre vida e morte, dedicam-se à leitura uns dos outros, das chagas-poemas uns dos outros. Põem suas doenças em diálogo, de onde surge o poema que os descreve. São seres em metamorfose.

Sem a beleza efrástica dos poemas-pintura ou a melopéica vibração dos poemas-música. Define-se a poética seniana inteira assim: pela fatalidade do contágio, pela parceria com o outro, pela importância do diálogo, pela celebração da poesia como algo que não se escolhe mas se contrai de modo orgânico, físico, por um manejo de linguagem que tenha a capacidade de converter até a lepra em signo ético e estético. Contra o fascismo da língua, a beleza da lepra. Contra o cotidiano do mundo utilitário do capital, a sobrevivência. Contra toda forma de autoritarismo, praga resistente que

atravessa as épocas, seguem os poetas “uns com os outros, inspeccionando as chagas uns dos outros”. E que não haja cura!

* Professora Adjunta de Literatura Portuguesa na UFRJ-Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autora da tese de doutorado *Poesia e o Diabo a quatro: Jorge de Sena e a escrita do diálogo*. (UFRJ, 2009 – Prêmio CAPES de Tese/2010; São Paulo: Ed. Livronovo, 2010)